

O DISCURSO DA IMPRENSA NA FORMAÇÃO DA
IDENTIDADE NACIONAL PORTUGUESA.
REFLEXÕES A PARTIR DE
A JANGADA DE PEDRA, DE JOSÉ SARAMAGO

Lineide Salvador Mascari

RESUMO: A busca da identidade lusitana é o ponto central na trama que constitui *A Jangada de Pedra*, de José Saramago, ocorrendo também no nível individual das personagens. Destacar-se-á o papel relevante dos meios de comunicação – imprensa escrita, rádio, televisão – na construção dessa identidade, assim como serão apresentadas as estratégias argumentativas de que se vale o autor para expor criticamente os seus pontos de vista.

Palavras-chave: Identidade, *Ethos*, Estratégias Discursivas, Metáfora/alegoria, Valor.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a função da imprensa, seus limites e possibilidades, sobretudo em épocas de crise. Procurar-se-á mostrar como ela se constitui num importante elemento dentro do quadro histórico e ficcional em que se desenvolve a trama do romance *A Jangada de Pedra*, de José Saramago. Conforme nos diz o narrador:

É que, e neste ponto fatal a mão hesita, como irá ela escrever,
de plausível maneira, as próximas palavras, essas que tudo

MOSCA, Lineide Salvador. O discurso da imprensa na formação da identidade nacional portuguesa. Reflexões a partir de *A jangada de pedra*, de José Saramago.

sem remédio irão comprometer, tanto mais que muito difícil se vai tornando já destrinçar, se tal se pode em algum momento da vida, entre verdades e fantasias. (p. 34)

Na obra, o tema é tratado de forma alegórica com a criação de uma fissura estabelecida entre a Península Ibérica e o restante da Europa, quando aquela se desgarra do conjunto, isolando-se e voltando-se para o largo do Atlântico. A rachadura produzida, cujas causas serão alvo de muitas especulações por parte de vários organismos, em especial da imprensa, assume um valor metafórico, acumulando o significado de isolamento, de atraso, uma vez que os contatos ficam interrompidos e as transações com o resto do mundo, comprometidas

Tem-se que considerar um lado social – as nações que se isolam – e as tramas individuais das personagens que se movimentam nesse cenário. A ruptura que ocorre logo no início do livro em relação à Península Ibérica dá-se igualmente na vida das personagens que rompem com hábitos e valores a que estavam tradicionalmente ligadas.

Joaquim Sassa, da cidade do Porto, empregado de escritório, terá sua história de vida ligada a uma pedra pesada que atira ao mar e que, surpreendentemente, voa longe e alça-se umas três vezes antes de aprofundar-se. Do outro lado da Península, em Orce, na região da Andaluzia, Pedro, um farmacêutico, sente a terra tremer debaixo de seus pés e, daí por diante, carregará essa sensação consigo. Próximo a Santarém, às margens do rio Tejo, um professor primário, José Anaiço, é assediado por um bando de pássaros, estorninhos, que não mais o deixarão. Na Galícia, Maria Guavaira desfaz um pé de meia, cujo fio é, misteriosamente, interminável.

Os fatos estranhos que passam a acontecer em suas vidas têm a ver com mistérios que, de modo análogo, envolvem a trama maior de nível nacional. Verifica-se, assim, uma homologia entre esses dois níveis de acontecimentos – o individual e o coletivo – ao apresentarem uma estrutura semelhante em entidades diferentes.

A transformação é o elo comum a ambas, constituindo esse processo o cerne da narrativa em questão.

O sentido alegórico brota exatamente dessas confluências e é ele que vai dar significação ao conjunto da obra e possibilitar a construção do ponto de vista do seu enunciador.

1 PAPEL DA MÍDIA

A perspectiva da imprensa, cuja função básica é a informativa, localiza-se do lado do real, entremeando-se à ficção projetada nos diversos percursos narrativos das personagens. Sabe-se, entretanto, que a informação nunca vem em estado puro e que são bem tênues os limites da interpretação. Muitas vezes aparecerão no cenário, quer oficiais, por meio de porta-vozes, quer dos mediatizadores da informação – os profissionais da informação – ou então da parte de cidadãos comuns. Enfim, o fato suscita uma série de reações – favoráveis e desfavoráveis – comentários e soluções.

Assim é que, logo no início do romance, assiste-se a uma atividade dos meios de comunicação, envolvendo os jornais, o rádio e a televisão, desencadeada pela inédita ocorrência da ruptura peninsular. Alça-se a voz da ciência por intermédio de depoimentos dos sismólogos, que na verdade nada esclarecem, manifestando apenas um desencontro de idéias. A sua contraposição aos saberes de um homem simples, que do sul da Espanha os ouvira e fora falar com os “senhores da televisão”, torna ainda mais evidente a inoperância daqueles diante do fato. Neste ponto, o narrador dá-nos um retrato do *modus operandi* da imprensa, ou seja, como se produz a notícia, como se desenvolve a partir dela um novo tópico, na procura ávida de matéria:

Quis o seu destino que um jornalista lhe desse ouvidos, ou por simpatia benevolente, ou seduzido pelo insólito do caso, em quatro linhas foi resumida a novidade, e a notícia, embora sem imagem, foi dada no telejornal da noite, sob risonha reserva. (p. 29)

MOSCA, Lineide Salvador. O discurso da imprensa na formação da identidade nacional portuguesa. Reflexões a partir de *A jangada de pedra*, de José Saramago.

A reconstituição do fato é dada sempre da perspectiva do narrador, cujo viés crítico faz com que o leitor se apodere dos acontecimentos de uma forma distanciada e sempre reflexiva. No texto abaixo, veja-se como uma afirmação invalida outra, desqualificando inteiramente a abordagem apresentada:

No dia seguinte, a televisão portuguesa, por falta de matéria local própria, aproveitou e desenvolveu o tópico, ouvindo em estúdio um especialista de fenômenos paranormais que *nada adiantou à inteligência do caso, segundo se pode concluir da sua mais importante declaração*. Como no resto dos casos, depende tudo da sensibilidade. (loc. cit.)

A informação funciona em toda a obra como um fator unificador, cumprindo o papel de ligar pessoas das mais diversas procedências, que convergem movidas por interesses comuns. Foi ela que fez Joaquim Sassa, depois do surpreendente episódio da pedra que atirou ao mar e que sobrevoou, sair da cidade do Porto à procura de Pedro Orce, no extremo oposto, na Andaluzia, após ter tido conhecimento, pelo noticiário da noite, do ocorrido na península e com a península. As conseqüências desse fato se farão sentir tanto no nível pessoal como no coletivo, da mesma forma que as buscas de identidade percorrem todo o romance nesses dois planos.

2. A METÁFORA E ALEGORIA: FUNÇÃO ARGUMENTATIVA

Não resta dúvida ao leitor sobre a natureza ficcional da obra, no seio da qual o enigma se instala de imediato a partir do título: *A jangada de pedra*, que requer um trabalho interpretativo, desafiando-o a prosseguir na ordem dos acontecimentos, por bizarros que sejam. Um hiperônimo de “jangada” seria “embarcação”, mas é justamente o inusitado da escolha, seguida de sua caracterização “de pedra” que constitui o ponto central de onde fluirão as demais imagens.

Nesse universo imagético, em que as metonímias representam um plano superior, por contigüidade, e as metáforas, por rela-

ções de semelhança, o narrador tem a possibilidade de expressar suas aspirações e aquilo que crê possível e verossímil sob forma de um realismo fantástico.

Partindo da metáfora como releitura da realidade, como reorganização do “real”, dos fenômenos perceptivos, tem-se que ela desempenha um papel cognitivo dos mais importantes ao estabelecer novas relações, novas perspectivas no enfoque dos fatos, sejam eles biofatos ou sociofatos. A sua entronização em nosso modo de pensar o universo e as coisas é tal que não nos soa como metáfora no uso cotidiano, tal como nos mostra Lakoff e Johnson em seus trabalhos sobre a questão. Em *As retóricas de ontem e de hoje*, procurei sintetizar essa relação metafórica que está no cerne de toda atividade de linguagem em seu sentido amplo, uma vez que ocorre não só no verbal, mas em outras formas de expressão:

Qualquer que seja, entretanto, a forma assumida pelo processo metafórico, prevista ou não pelo código, ele irá necessariamente trazer uma visão de mundo, que pode ir da estereotipia ao contra-senso, seja reiterando saberes partilhados, seja estabelecendo relações inéditas entre as coisas. O que importa é, portanto, avaliar a sua função argumentativa dentro daquele determinado tipo de discurso, isto é, os efeitos produzidos. (p. 39-40)

A atualidade da metáfora da ilha, resultante da ruptura, na narrativa de *A jangada de pedra*, advém de sua intertextualidade, uma vez que ela está presente em nossa memória coletiva, e se torna significativa, tanto pela separação física que expressa, quanto a de natureza intelectual e espiritual – disjunção em relação a uma determinada situação, a união com o restante da Europa – implica a conjunção com outros valores e propósitos, daí a polêmica que instaura e estimula, ou seja, sua função propriamente argumentativa.

Uma vez descortinada a primeira metáfora, outras se formarão na sua esteira e assim uma rede discursiva se estabelecerá, o que fortalece os objetivos que o enunciador tem em mente, facilitando a sua aceitação por parte dos leitores que, em Saramago, são

MOSCA, Lineide Salvador. O discurso da imprensa na formação da identidade nacional portuguesa. Reflexões a partir de *A jangada de pedra*, de José Saramago.

seus verdadeiros co-enunciadores, deles dependendo o reconhecimento dos tipos de discurso que se dão (direto, pseudo-discurso direto, discurso indireto livre e variações), a captação dos grupos da cadeia falada e de outros recursos concorrentes.

3. INFORMAÇÃO E OPINIÃO

Em *A jangada de pedra*, os meios de comunicação em suas diversas formas – televisão, rádio, jornal – constituem um importante actante não só na cobertura dos fatos, desde o instante em que informam acerca da rachadura encontrada nos Pirineus, como também na sua divulgação e interpretação, uma vez que suscitam diversas hipóteses e alimentam discussões de toda ordem. Sua importância é tamanha que chega, muitas vezes, a direcionar a ordem dos fatos. Veja-se a seguinte passagem:

O rádio, com pilhas frescas, deu notícias dos calamitosos acontecimentos da Europa e referiu fontes bem informadas, segundo as quais estariam a ser feitas pressões internacionais sobre os governos português e espanhol para porem cobro à situação, como se nas mãos deles estivesse o poder de realizar tal desiderato, como se ser governo numa península à deriva fosse o mesmo que conduzir Dois Cavalos. (p. 158)

O narrador anuncia que, diante dos fatos, os primeiros-ministros dos dois países afetados, Portugal e Espanha, falarão à população, “concertadamente”, segundo acrescenta. Mobilizam-se, portanto, os veículos de comunicação de alcance nacional e internacional. As reflexões se situam também em torno do papel que os Estados Unidos têm desempenhado diante do ocorrido: abstenção e, ao mesmo tempo, fornecimento dos combustíveis necessários ao funcionamento da região. Essa ambigüidade diante dos fatos e, ao mesmo tempo, a praticidade dos resultados compõem o *ethos* da personalidade política daquele país, gerando assim uma certa suspeita. Há, pois, um terreno movediço em que se desloca a imprensa – escrita e falada – no decorrer dos acontecimentos.

Não se pode esquecer o fato de que o momento histórico que condiciona o quadro da narrativa (1986) é aquele em que se discute sobre a participação de Portugal na União Européia. Dentro dele, o jornalista atua como o que Albert Camus, na França de pós-liberação, chamou de o “historiador do instante”, o que faz com que a história da imprensa esteja estreitamente ligada à história do país a que se reporta.

A imprensa torna-se, assim, um meio de informação indispensável à compreensão de um dado momento histórico, por sua instantaneidade e por funcionar como um dos mais poderosos instrumentos de análise, ao fomentar comentários e emitir pareceres, no intuito de levar o leitor a um posicionamento diante dos fatos. Como se trata sempre de pontos de vista, não há como eliminar a subjetividade decorrente dessa situação, cabendo antes cruzar as diversas informações, aquilatá-las e, a partir daí, dar o direcionamento que se impõe, operar as transformações necessárias, formar novas atitudes e assim por diante.

É sempre, pois, uma leitura que se faz dos acontecimentos, das situações, seja ela retrospectiva ou prospectiva. Em *A jangada de pedra*, dá-se a invocação do passado grandioso do povo português, com apelo à sua memória discursiva ainda viva, tal como fizeram muitos de seus escritores, na construção de um *ethos* nacional. No entanto, são discutidas as possibilidades de presença no mundo deste mesmo povo, o seu futuro no conjunto das demais nações.

4. INTERPRETAÇÃO E POSICIONAMENTO: A CONTROVÉRSIA

Com as reações das personagens instaladas no discurso, de diversas procedências, mas unidas por alguns traços comuns, tal como o mistério que envolve cada uma, tem-se uma visão multifacetada dos fatos e que a imprensa procura captar em plena efervescência. Que maneira escolheu o autor para fazer jornalismo? Nada

MOSCA, Lineide Salvador. O discurso da imprensa na formação da identidade nacional portuguesa. Reflexões a partir de *A Jangada de Pedra*, de José Saramago.

menos que a preocupação com a análise e o não ocultamento da opinião que se desvela a todo instante diante da cobertura de um incidente específico, que busca revirar de todos os ângulos possíveis. A apreensão do fato é dada ao leitor de modo que ele possa ir formando o seu próprio parecer. Por esse procedimento, vai nos dando um panorama da imprensa da época dos acontecimentos, seus motivos e compromissos. Não se trata, entretanto, de um jornalismo de combate, panfletário, mas antes de reflexão diante da estranheza dos fatos e do dilema em que são colocados os países-ilhas.

Ao mesmo tempo em que a mídia ocupa um papel importante na obra, é também alvo de críticas acerbas no quadro da modernidade e, nesse aspecto, encontramos ponderações bastante ácidas, entremeadas na narrativa. Saramago se mostra aqui um feroz crítico da indústria cultural, denunciando o empobrecimento e reducionismo a que ela nos condena nos tempos atuais:

Vencemos, vencemos, mas o episódio só foi de facto impressionante para quem lá esteve, os outros assistiram de longe, em casa, no teatro doméstico que é a televisão, no pequeno rectângulo de vidro, esse pátio dos milagres onde uma imagem varre a anterior sem deixar vestígios, tudo em escala reduzida, mesmo as emoções. (p. 35)

Esse filtramento, e ao mesmo tempo estreitamento da realidade, funciona como uma espécie de lente que não permite uma visão maior das coisas e, portanto, consiste numa forma de alienação, de um “não querer ver”, daí a severa crítica social decorrente:

E aqueles espectadores sensíveis, que ainda os há, aqueles que por um nada se põem a lacrimejar e a disfarçar o nó da garganta, esses fizeram o de costume quando não se pode aguentar mais, diante da fome em África e outras calamidades, desviaram os olhos. (p. 35)

No extremo oposto, estão aqueles que nem sequer têm acesso à informação, seja da imprensa escrita, seja da mídia eletrônica, por habitar “os interiores fundos e profundos”, onde aquela chega de forma esgarçada e o sentido obscurecido pelos limites da compreensão:

Havia milhões, sim, milhões de pessoas que não percebiam o que se passava; ou tinham uma idéia vaga, formada apenas de palavras cujo sentido se compreendia por metade, ou nem isso, tão inseguramente que não se acharia grande diferença entre o que um julgava saber e o que o outro ignorava. (p. 35)

Este trecho parece dialogar com filmes de Manuel de Oliveira, em que ele faz uma viagem na memória não só de sua vida pessoal, com caráter autobiográfico, portanto, mas na memória coletiva, restaurando reminiscências que ficaram bastante arraigadas na mentalidade portuguesa e que nos dão um retrato dos diversos estágios culturais por que ela atravessa.

Nos “Debates sobre a liberdade de imprensa e comunicação”, o Karl Marx pouco conhecido – o jornalista de intensa atividade – afirma que “em nenhum lugar o espírito específico dos Estados manifesta-se mais claramente que nos debates sobre a imprensa” E ainda, a seguir, sob forma de questionamento, “Que outro espelho, conseqüentemente, poderia refletir o caráter íntimo da Assembléia mais fielmente que os debates sobre a imprensa?” (*A liberdade de imprensa*, p. 19).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, se cada povo expressa o seu espírito através, entre outras coisas, de sua imprensa, é ela um fator poderoso de criação de identidade. Contudo, é diante da crise que esta se manifesta mais abertamente, que a autoconsciência se vê despertada, no caso o enfrentamento da nova situação a que os ibéricos se vêem expostos. A situação de controvérsia, colocando lado a lado os favoráveis à separação e os adeptos da união ao velho continente, mostra os diversos estados de espírito decorrentes, ou seja, os inconformados e os conformados, os otimistas e os pessimistas, os idealistas passageiros, no auge da juventude.

Outra idéia-chave que toca ao papel da imprensa, sendo por ela mediatizado, é o da influência, uma vez que a relação de poder

MOSCA, Lineide Salvador. O discurso da imprensa na formação da identidade nacional portuguesa. Reflexões a partir de *A jangada de pedra*, de José Saramago.

está sempre presente nas questões que envolvem governos. Uma vez que as repercussões do ocorrido com a Península Ibérica chegam ao plano internacional e conclamam os interesses de outros Estados, o fato deixa de ter valor simplesmente noticioso para acarretar posicionamentos e decisões dele decorrentes. A comoção internacional, tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, se deve antes de tudo à defesa de seus próprios interesses que a sentimentos de solidariedade e de troca.

Cabe igualmente destacar a função dos veículos de massa para a integração social e conformação da nova realidade social que a península terá de enfrentar na busca de suas raízes e na consecução do futuro que se lhe delineia. Tanto no plano pessoal das personagens quanto no do povo de que elas são parte, a transformação se apresenta como inevitável e, ao mesmo tempo, como uma possibilidade de encontro com a sua natureza e destino. Não se trata de uma atitude saudosista, mas sim de crença na possibilidade de perpetuação das virtudes e características que constituem o *ethos* dos povos peninsulares ibéricos. As noções de ética e de valor, traduzidas por um sentimento amplo de amor, apresentam-se como redentoras dos sofrimentos e deficiências daqueles povos, impulsionando-os para uma nova transformação.

Se uma das características da imprensa é o domínio do efêmero, deve ela estar apta a encarar as mudanças e a cumprir as funções que lhe são delegadas, de onde a importância que assume em *A jangada de pedra*, por meio de seus múltiplos canais – jornal, rádio, televisão –, sem desconhecer os caminhos informais que vão do rumor e do boato ao conhecido boca-a-boca.

É, de novo, a metáfora, agora a do nascimento, a do nascer de novo que simboliza a própria transformação, estendendo-se o fenômeno a toda a população quando “todas ou quase todas as mulheres férteis se declararam grávidas”, ou no dizer do “tal português poeta que a península é uma criança que viajando se formou e agora se resolve no mar, como se estivesse no interior de um útero aquático [...]” (p. 306).

Para o narrador, essa possibilidade de transformação é assegurada pela confiança no discurso como elemento de transformação, de possibilidade de transformação: “É que, concluamos o que suspenso ficou, por um grande esforço de transformar pela palavra o que talvez só pela palavra possa vir a ser transformado [...]” (p. 34).

Por fim, já no final do romance, é pela perspectiva do narrador que a poesia vem desempenhar o papel que lhe cabe na apreensão da realidade, de entrever as coisas em suas dimensões próprias:

Não falta por aí, nunca faltou, quem afirme que os poetas, verdadeiramente, não são indispensáveis, e eu pergunto o que seria de todos nós se não viesse a poesia ajudar-nos a compreender quão pouca claridade têm as coisas a que chamamos claras. (p. 304)

Nesse afã, contrapõe-lhe a objetividade, apanágio ilusório daqueles que encobertam os fatos, e assim coloca em questão a própria função da imprensa, que foi o alvo de nossas preocupações nesse estudo: “[...] a objetividade do narrador é uma invenção moderna, basta ver que nem Deus Nosso Senhor a quis no seu Livro” (p. 204).

O leitor é levado, a esse respeito, a fazer o seu próprio balanço da situação, uma vez que lhe são apresentadas as diversas facetas que o fenômeno recobre, não sem que haja, evidentemente, juízos de valor do autor-narrador que avalia, valoriza ou desprestigia certos aspectos, na busca de uma maior compreensão dos fatos e, enfim, da vida, num sentido mais amplo.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. A condição ibérica em *A jangada de pedra*, de José Saramago. In: CUNHA, Maria Helena Ribeiro da (Org.). *Atas do I Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil*. São Paulo: Humanitas, v. 2, p. 519-25.
- ANTUNES, Américo (1998). Opinião pública e comunicação. *Universidade e Sociedade*, ano VIII, n.15, fev., p. 15-6.
- BARDARI, Sérsi (1998). *A reconstrução da identidade em A jangada de pedra, de José Saramago: uma análise sêmio-discursiva*. São Paulo. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP.

MOSCA, Lineide Salvador. O discurso da imprensa na formação da identidade nacional portuguesa. Reflexões a partir de *A jangada de pedra*, de José Saramago.

GENETTE, Gerard (1972). *Figuras*. São Paulo: Perspectiva. (Orig. *Figures*. Paris: Seuil, 1966)

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University Press of Chicago.

MAINGUENEAU, Dominique (1996). *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes.

MARX, Karl (2001). *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM.

MOSCA, Lineide Salvador. Subjetividade e formação de opinião na mídia impressa. In: GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.) (2002). *Nas telas da mídia*. Campinas/São Paulo: Ed. Alínea/ ALB.

____ (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. 2.ed. São Paulo: Humanitas.

SARAMAGO, José (1988). *A jangada de pedra*. São Paulo: Cia. das Letras.

ABSTRACT: The search for the Portuguese identity is core of the plot in José Saramago's *Jangada de pedra*, and this search also occurs at the level of each individual character. The relevant role played by the media channels – press, radio, television – in the construction of such identity will be emphasized and the argumentative strategies employed by the author, in order to express with criticism his points of view, will also be presented.

Keywords: Identity, *Ethos*, Argumentative Strategies, Metaphor/allegory, Values.